

## Prefácio

*“A destruição do passado – ou melhor, dos mecanismos sociais que vinculam nossa experiência pessoal à das gerações passadas – é um dos fenômenos mais característicos e lúgubres do final do século XX. Quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o passado público da época em que vivem. Por isso os historiadores, cujo ofício é lembrar o que outros esquecem, tornam-se mais importantes que nunca...”*

(Eric Hobsbawm. *Era dos extremos*)



O que leva um indivíduo a migrar do interior do Rio Grande do Sul para Porto Alegre e, posteriormente, para a cidade de São Paulo? O que faz com que esse mesmo indivíduo vivencie um radical autodidatismo e chegue tardiamente, e por caminhos transversos, à universidade? O que o conduz a identificar-se com a causa operária e assumir a sua defesa, especialmente por meio da imprensa e de reuniões públicas? O que explica o seu engajamento no projeto político-pedagógico libertário? O que fundamenta seus escritos e sua prática educativa e seus respectivos vínculos com a pedagogia libertária e a pedagogia crítica? O que o motiva a enfrentar criticamente a questão judaica e outras questões cruciais do seu tempo?

Plano divino? Força do destino? Circunstâncias históricas? Determinismo econômico? Condicionantes sócio-culturais? Livre-arbítrio? Na verdade, não diria que há mais perguntas que respostas. Só existem perguntas; não há certezas, apenas suposições; nem confirmação de hipóteses, somente indícios; não se vislumbram caminhos determinados, nada além de pistas.

Pois bem, neste instigante trabalho o professor Antônio Ozaí da Silva dedica-se com notável competência a formular perguntas, construir suposições, descobrir indícios, abrir pistas.

Da trajetória de Maurício Tragtenberg destaca-se, sem sombra de dúvida, a sua luta sem tréguas contra o elitismo burocrático e patrimonialista constitutivo da história sócio-política brasileira, do qual a universidade constitui tanto a mais lídima expressão quanto um dos mais eficazes instrumentos. Elitismo elucidado com maestria por, dentre outros, Sérgio Buarque de Holanda, em seu paradigmático *Raízes do Brasil*, no qual afirma que “a democracia no Brasil foi sempre um lamentável mal-entendido. Uma aristocracia rural e semifeudal importou-a e tratou de acomodá-la, onde fosse possível, aos seus direitos ou privilégios, os mesmos privilégios que tinham sido, no Velho Mundo, o alvo da luta da burguesia contra os aristocratas. E assim puderam incorporar à situação tradicional, ao menos como fachada ou decoração externa, alguns lemas que pareciam os mais acertados para a época e eram exaltados nos livros e discursos.” E também Raimundo Faoro, no clássico *Os donos do poder*: “A comunidade política conduz, comanda, supervisiona os negócios, como negócios privados seus, na origem, como negócios públicos depois, em linhas que se demarcam gradualmente. O súdito, a sociedade, se compreendem no âmbito de um aparelhamento a explorar, a tosquiar nos

casos extremos. (...) A autocracia autoritária pode operar sem que o povo perceba seu caráter ditatorial, só emergente nos conflitos e tensões, quando os órgãos estatais e a carta constitucional cedem ao real, verdadeiro e atuante centro de poder político. Em última análise, a soberania popular não existe, senão como farsa, escamoteação ou engodo.”

Mas essa luta de Maurício Tragtenberg reveste-se de características inusitadamente peculiares, na medida em que sugere a aproximação entre a academia e os movimentos sociais populares como uma das suas principais vertentes. Ainda aqui, emerge o caráter especial que distingue a forma como Tragtenberg busca construir essa aproximação, talvez como desdobramento da sua própria experiência vital: mais do que estimular a academia a procurar os movimentos populares, são estes que são provocados a conquistar a universidade.

Talvez um dos fatores ao qual possamos creditar a fecundidade criativa deste trabalho seja a proximidade vital entre pesquisador e pesquisado. O professor Ozaí cursou o Mestrado sob a orientação do mestre Maurício, com ele nutriu uma relativa identidade ideológica e como ele chegou tardiamente e por caminhos transversos à universidade e militou em movimentos sociais, sobre os quais também elaborou vários estudos.

Tanto Maurício, com sua rica e multifacetada trajetória, quanto Ozaí, particularmente com este trabalho, ajudam-nos a estabelecer uma importante “relação orgânica com o passado público da época” em que vivemos e a reduzir aquela “maior parte da História” que, no dizer do cego personagem de *Viva o povo brasileiro*, de João Ubaldo Ribeiro, “se oculta na consciência dos homens” e que “por isso a maior parte da História nunca ninguém vai saber”.

Em sua opção metodológica, Ozaí parte da “constatação de que os homens fazem a história, mas a fazem sob determinadas circunstâncias; ou seja, os homens são, simultaneamente, produtos das circunstâncias e agentes históricos que agem sobre estas, produtos e produtores da história. (...) Ninguém nasce marxista, liberal ou anarquista. Além de determinado socialmente, a defesa de um pressuposto teórico-filosófico é também uma opção individual. Insistamos: os homens fazem sua história segundo condições históricas específicas. Mas eles não são meros reflexos dessas condições, não são autômatos que obedecem a ordens exteriores: eles têm a possibilidade de escolha, de optarem por um ou outro caminho”.

Fiel à sua “escolha”, Ozaí está longe de reduzir o seu trabalho ao exame, embora crítico, da produção intelectual de Tragtenberg como geralmente ocorre em teses acadêmicas. Nem mesmo parte de tal abordagem, escudando-se neste ponto no procedimento utilizado por Marx e Engels em *A Ideologia Alemã*, segundo o qual “não se parte daquilo que os homens dizem, imaginam ou se representam, e também não dos homens narrados, pensados, imaginados, representados, para daí chegar aos homens de carne e osso; parte-se dos homens realmente ativos e, com base no seu processo real de vida representa-se também o desenvolvimento das reflexões e ecos ideológicos deste processo de vida”.

Assim é que, em seu primeiro capítulo, Ozaí, segundo suas próprias palavras, observa “os fatores constitutivos da personalidade de Tragtenberg na sua infância; a condição econômica precária (capital econômico); a maneira como consolida um certo *capital social e cultural* (a partir da militância, das *suas universidades* e do convívio na Biblioteca Mário de Andrade, etc.)”. E, no segundo, centra o seu olhar no peculiar autodidatismo de Tragtenberg e em “sua práxis no *espaço da informalidade*” – externo

às instituições e ao ensino formal – enfatizando a “sua militância enquanto escritor envolvido com o mundo do trabalho e as lutas sociais”.

É na segunda metade do seu livro que Ozaí se concentra na análise da produção propriamente acadêmica de Tragtenberg, investigando, no terceiro capítulo, a sua obra “produzida e orientada *para e no* espaço formal da instituição acadêmica”, aprofundando-se no estudo de temas notáveis pelo seu ineditismo nas discussões universitárias: burocracia, ideologia e poder; co-gestão; heterodoxia, tolerância e liberdade; crítica ao marxismo-leninismo-trotskismo; marxismo e anarquismo; pensamento e ação. E, no quarto, os seus escritos sobre a universidade e a educação, a sua proposta pedagógica libertária e a sua práxis como docente e intelectual.

Louve-se neste quefazer do professor Ozaí, além da abrangência, da profundidade e do rigor da investigação que lhe deu suporte, o olhar apropriadamente crítico da sua elaboração, de forma coerente com a sua concepção da relação mestre-discípulo. Segundo suas próprias palavras, na conclusão do seu trabalho, “a atitude idólatra do discípulo concede ao texto um caráter dogmático e hagiográfico. Isso torna imperceptível a sua riqueza e os caminhos apontados pelo autor. A melhor homenagem que podemos prestar-lhe é, a partir do seu reconhecimento, tentar ir além dele – tarefa difícil. Por mais que gostemos, por mais que o respeitemos, devemos superar o encanto e manter a postura crítica: o contrário é desqualificá-lo”.

Esta síntese, apresentada pelo professor Ozaí na conclusão do seu trabalho, certamente não deixará de instigar a curiosidade e o interesse daqueles que ainda não tiveram o privilégio de conhecer a vida e a obra de Maurício Tragtenberg: “Sua crítica a todo e qualquer autoritarismo, da direita à esquerda; seu questionamento constante às formas de opressão e poder, desde as atitudes mais simples e cotidianas; e sua conduta solidária contribuem com o pensamento pedagógico que beba em fontes críticas e libertárias. Sua obra intelectual e sua atitude como professor, orientador e companheiro, configuram-no como um educador libertário e crítico. Sua maior influência está no exemplo; esta é a sua pedagogia”.

Nestes tempos obscuros e parcos de convicções e atitudes coerentes, contaminados pela bajulação interesseira do poder – qualquer poder – e pelo aparente fascínio ante o pensamento dominante, nada como voltar a beber na fonte do espírito crítico e libertário de Tragtenberg. Ainda mais quando guiados pela competência – forjada em sua própria experiência vital - do professor Ozaí.

Nelson Piletti

Professor aposentado da Faculdade de Educação da USP

Florianópolis, setembro de 2008